

"A lentidão que a poesia precisa": Entrevista a Ricardo Marques por Marcus Vinícius Lessa de Lima

*"The Slow Pace of Poetry": An Interview With Ricardo
Marques by Marcus Vinícius Lessa de Lima*

Entrevistador

Marcus Vinícius Lessa de Lima

Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Araraquara | SP | BR

lessa.lima@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-9632-5384>

Entrevistado

Ricardo Manuel Fernandes Marques

Universidade Nova de Lisboa (UNL) | Lisboa | PT

ricardomfm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3284-4913>

Resumo: Esta entrevista com o poeta e tradutor português Ricardo Marques (n. 1983) inicia-se com um preâmbulo em que o autor apresenta suas principais linhas de atuação na poesia contemporânea, além de comentar o diagnóstico crítico segundo o qual a poesia e seus agentes teriam se enclausurado na Universidade. Em seguida, Marques aborda as relações entre literatura/poesia e exílio, relatando a experiência de diversos poetas – incluindo ele próprio – que deixaram Portugal por volta de 2013, em decorrência da crise político-financeira global. Sob uma perspectiva mais geral, discute ainda a validade de duas abordagens distintas sobre o exílio: uma que o interpreta como fenômeno geopolítico e biográfico, e outra que o concebe como *topos* filosófico. A entrevista avança com uma seção dedicada à circulação e à crítica da poesia em Portugal na atualidade, encerrando-se com reflexões sobre a recepção contemporânea da poesia portuguesa no Brasil e vice-versa.

Palavras-chave: poesia portuguesa contemporânea; poesia e exílio; crítica de poesia.

Abstract: This interview with Portuguese poet and translator Ricardo Marques (b. 1983) opens with a preamble in which the author outlines his engagement with contemporary poetry and comments on a critical diagnosis according to which poetry and poets have become confined within academic institutions. Marques then gives his account of the experience of many poets – himself included – who left Portugal around 2013 in the

wake of the global political and financial crisis. From a broader perspective, he discusses the validity of two distinct approaches to exile: one that interpretes it as a geopolitical and biographical phenomenon, and another that conceives it as a philosophical *topos*. The interview continues with a section devoted to the circulation and criticism of poetry in Portugal today, and finishes with reflections on the contemporary reception of Portuguese poetry in Brazil and Brazilian poetry in Portugal.

Keywords: Contemporary portuguese poetry; poetry and exile; poetry criticism.

1 Preâmbulo¹

Marcus Vinícius Lessa de Lima: *Ricardo, em relação à poesia você atua em cinco frentes: pesquisa universitária, docência, tradução, edição e a escrita propriamente dita, todas em Portugal. Para situar nossos leitores, você poderia nos dizer como essas áreas de atuação se conectam em suas atividades cotidianas e em que aspectos se distanciam?*

Ricardo Manuel Fernandes Marques: Pensando de um modo abrangente, creio que todas essas frentes estão aglutinadas por um mesmo elemento: a poesia. Também há que distinguir entre frentes activas e temporárias. Considero o meu trabalho com a poesia mais contínuo quando falamos da escrita e tradução de poesia, que nunca cessa – ainda que este trabalho tenha momentos mais mortos, ou de não-escrita, esses momentos são o reverso da escrita, e necessários para o pensamento por trás da poesia, são o silo enchendo de ideias para futuros poemas e traduções. A este trabalho de poeta e tradutor, que é contínuo, soma-se o trabalho enquanto pesquisador/investigador e que tem sido constante desde os tempos da graduação. Comecei por me interessar pela literatura oral/tradicional ainda nesse tempo, tendo pesquisado e editado pequenos trabalhos de literatura de cordel sobre, entre outras, os elementos vegetais na literatura tradicional portuguesa. Mais tarde descobri que outro poeta que muito admiro no panorama português contemporâneo também se interessou pelo tema (Mário Cesariny), o que me faz pensar nas fronteiras entre os assuntos que nos interessam... De todo o modo, logo aí desconstruí as definições de alta e baixa literatura, que rejeito, e percebi

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/06038-4. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

o interesse que têm as margens para o universo literário, bem como o interesse que tem a ligação entre suportes e textos que não são afins. De seguida, o meu doutorado foi sobre um poeta português vivo, Nuno Júdice, um interesse que me acompanha até hoje (neste momento em que ele já não está entre nós, acabei de organizar um livro inédito, saído um ano após a morte, e estou a trabalhar no seu espólio e no livro que ele deixou incompleto) e o caminho que tomei para o estudar foi o da intertextualidade, que também me interessa muitíssimo enquanto poeta e tradutor desde sempre. Logo a seguir, no meio da crise económica provocada pela falência bancária, auto-releguei-me para Inglaterra, numa espécie de exílio de tudo o que me enojava em Portugal. Não fui para lá já com um trabalho certo, nem tive nenhum trabalho ligado a nenhuma universidade, mas contactei com o mundo da tradução a outros níveis, senti o pulso daquela sociedade. Mais tarde percebi não só que a minha saída (auto)forçada e zangada, como a estadia por lá foram experiências indispensáveis para pensar seriamente na poesia e, quando senti que encontrei uma voz, publiquei o meu primeiro livro de poemas.

Ganhei bolsa de pós-doutorado, voltei a Portugal e um pouco atrás, ao Modernismo, para perceber as ligações literárias e artísticas nas revistas do chamado Primeiro Modernismo Português (1910-1926), estudando, digitalizando e mapeando em várias frentes de divulgação (criei um site de consulta gratuita de que muito me orgulho,² organizei exposições na Biblioteca Nacional, escrevi artigos e livros). Este passo foi importante para perceber a fundo este período tão importante e tão informador do que se passa ainda hoje na poesia portuguesa, perceber como actua o meio literário por meio de um dos seus símbolos: a revista. Mais uma vez, notei como não há fronteiras e tudo se toca: o próprio Nuno Júdice, enquanto investigador, dedicou-se ao estudos das revistas deste período, nomeadamente *Portugal Futurista*...

Feito este trabalho e desde a pandemia, tenho-me concentrado de novo na poesia contemporânea, no sentido de a mapear e de apontar o que tem acontecido, mais até do que pensar profundamente este momento recente e actual, ainda que também tenha indicado e posto em cima da mesa algumas ideias. A questão é que de repente olhei em volta e não vi quase ninguém interessado nesse assunto, até fugindo dele, alegando que não vale a pena fazer esse trabalho, não vale a pena olhar para os poetas novos (de agora) que começaram a escrever nos últimos anos. Editei por isso algumas antologias, como esta da *Relâmpago* (Amaral; Marques,

² Disponível em: <<https://modernismo.pt/index.php/revistas>>. Acesso em: 5 nov. 2025.

2024), que no fundo põem em cima da mesa outros nomes recentes que têm feito o seu percurso pessoal na literatura portuguesa.

Pelo caminho, tenho tido momentos pontuais de docência, universitária e secundária, que considero momentos muito especiais de contacto com o público – leitor, investigador, aluno. Estes momentos são importantes como reavaliadores do meu pensamento sobre o que tenho aprendido, pois implica sempre uma passagem de conhecimento a outrem, que tem necessariamente de ser organizado e sistematizado. Voltar a ideias, voltar aos clássicos, reavaliar o presente. Estamos sempre nesse trabalho quando nos dedicamos ao ensino. E isso informa sempre o pensamento sobre o presente, pelo menos para mim.

Respondendo à questão directamente, creio que estes interesses e frentes, para usar o seu termo, se tocam, por vezes interpenetram e estão, ao mesmo tempo, bastante distantes entre si. Este último exemplo que darei é paradigmático: acabo de ter um convite para escrever dois verbetes para um dicionário de relações ibero-americanas que sairá no próximo ano em Espanha. Quais são os verbetes? Nuno Júdice e José Pacheco (o director de *Contemporânea*, uma das principais revistas do Modernismo Português). Creio que o convite fala mais sobre o meu percurso e os meus interesses do que eu poderia aqui explicar por palavras...

M.V.L.L.: *Impressão bastante difundida no Brasil hoje – seja na voz de detratores, defensores, ou observadores céticos – é a de que a poesia, ou pelo menos a poesia que circula em livros e revistas, teria se refugiado na Universidade e de que o circuito produção-publicação-crítica seria coordenado sobretudo por atores vinculados à docência e à pesquisa universitárias. É um discurso também recorrente em Portugal? E, a seu ver, há mais exageros ou fatos nesse tipo de diagnóstico? Se houver algum fundo factual, quais você julga serem suas implicações imediatas para a escrita e a leitura do poema?*

R.M.: Efectivamente já li muitas pessoas a defender essa ideia também em Portugal, mas não creio que a poesia se tenha refugiado na Universidade, nem está refém de ninguém nem de nenhuma instituição, pelo menos na realidade a que assisto mais directamente, em Portugal. A poesia resiste (Jean-Luc Nancy)³ sempre a isso tudo e continua apesar de todos e dos esforços em engavetá-la, academizá-la. Creio que podemos dizer com segurança que se assiste a um certo academismo de alguma da poesia que se vai escrevendo e publicando, mas penso que isso é natural, tendo em conta que cada vez mais há doutorados e mestres em literatura, mais ampla

³ Ver Nancy (2005).

formação, maior acessibilidade à universidade e a estudos chamados “superiores”. É uma decorrência lógica e a tentação por vezes é muita, não só para o estudante de Letras, de ver se se é poeta, afinal... Se essa quantidade se traduz depois na mesma proporção de qualidade, não creio, até porque as universidades também não estão a passar o seu melhor momento (mas isso seria uma outra discussão).

Enfim, uma coisa é certa: um poeta não é o mesmo que um académico. Mas sempre em todos os tempos existiram maus e bons poetas, independentemente do seu grau de estudo e envolvimento académico com a poesia. O nosso tempo não é, decididamente, excepção, ainda algumas vozes em Portugal achem que nada do que se publica hoje em poesia tem valor.

2 A poesia e seus exílios

M.V.L.L.: *O que vou lhe perguntar agora é assunto que ultrapassa em larga medida o alcance duma entrevista, assunto ao qual Claudio Guillén (2005), por exemplo, precisou dedicar um livro inteiro (O Sol dos Desterrados) para, no fim das contas, deixar a questão ainda em aberto. De todo modo, gostaria que você esboçasse um panorama de como o exílio – temática, imagética, linguisticamente – se tornou um topos muito característico da poesia moderno-contemporânea. Ou, talvez, até de antes, se for o caso de falarmos numa poesia pós-Iluminista ou da Era Moderna, como Harold Bloom já preferiu...*

R.M.: Não sei se tenho fôlego para tanto, sobretudo no contexto desta entrevista, mas gostaria de partilhar algumas ideias, sobre as quais já escrevi, no que toca à temática do exílio na mais recente geração de poetas portugueses. Em primeiro lugar, creio que é preciso contextualizar o eclodir de uma série de novas vozes e de novas chancelas independentes, por volta do ano de 2013, em Portugal, no contexto mais amplo de uma crise político-financeira. Este foi o caldo social onde estas vozes e chancelas surgiram, no rescaldo da vinda da Troika do FMI a Portugal (2011-2014) pela segunda vez na história democrática do país. Foi um período muito conturbado para nós, jovens poetas, que começávamos a escrever os poemas mais sérios e a publicá-los. Lembro-me que o primeiro-ministro da altura dizia constantemente que nós, os jovens, fazíamos bem em sair de Portugal, um convite inacreditável à emigração que provocou a ira e o choque de todos, pois normalmente queremos que as figuras máximas do nosso estado promovam, ao invés, a estabilidade e a inserção social das camadas mais jovens no mercado de trabalho, assim como o convívio pacífico com outros estratos demográficos...

Foi um período de grande turbulência social, de grandes contestações aos cortes orçamentais (até dias feriados o governo cortou, carruagens de metro, no sentido de poupar mesquinamente alguns trocos) e toda uma geração emigrou, como não se via há décadas. Eu fui um deles, não via absolutamente nenhum futuro aqui em Portugal. Antes de mim, já haviam emigrado outros poetas, como o João Bosco da Silva, para a Finlândia, a Tatiana Faia e o seu marido, também poeta, José Pedro Moreira, para Inglaterra, como eu, bem como o Ricardo Tiago Moura, para a Dinamarca e o Álvaro Seça, também para o norte da Europa, em primeiro lugar para a Suécia, creio. Eu fui o único que voltei, por razões afectivas e pessoais (o meu descontentamento com a realidade portuguesa, porém, mantém-se) mas, como eles, comecei a publicar no “exílio”, com a sensação de ter sido “relegado” pelo meu país. Emigrar nunca é fácil – ainda que tenha lucrado, indirectamente, com o contacto com outras culturas e outros modos de ver o mundo (no entanto, é de notar que Pessoa, que sabia tudo sobre o mundo, quase nunca viajou).

De todo o modo, creio que ainda está por estudar mais profundamente este movimento recente, temática, imagética e linguisticamente. Sei por causa própria e por leitura destes poetas (antes de nós há outros, claro, de que gostaria de destacar Jorge de Sena, talvez o exemplo mais paradigmático de poeta-exilado-político das letras portuguesas recentes, ou o seu amigo Alberto de Lacerda, ou o amigo destes Luís Amorim de Sousa) que essa experiência desenraizante modifica necessariamente quem somos e, como tal, o que escrevemos. Este assunto interessa-me muito e gostaria de me sentar um dia e pensar-escrever sobre ele, já que estou tão implicado.

Existe uma antologia grega muito pertinente sobre a experiência similar que os novos poetas gregos tiveram durante a estadia da Troika no seu país, paralela da nossa. Foi publicada fora da Grécia, na Penguin inglesa, em 2016, e intitula-se, ironicamente *Austerity Measures* (uma brincadeira com a expressão mais detestada da altura a nível político-económico, e que pode ser traduzida como *Medidas de Austeridade*) (Van Dyck, 2016). Curiosamente, há uns anos, a Tatiana Faia fez uma comunicação comparando esta antologia com a minha, *Já Não dá Para Ser Moderno: seis poetas de agora* (Marques, 2021), sob esse prisma da crise e do exílio. Quando a organizei, em 2021, não pensava nesses termos, mas era inevitável que o exílio e a crise lá aparecessem. Mais tarde, o ano passado, quando assumi a co-direcção do número da *Relâmpago* sobre poesia portuguesa de agora (Amaral; Marques, 2024), assumi também essa missão de voltar a contar a (nossa) história e chamei ao meu artigo “*Geração Crise (Ou a Poesia Portuguesa de Agora)*” (Marques, 2024). Como vemos, todas as coisas se interligam e creio ser terreno fértil para futuros investigadores do período.

M.V.L.L.: *Continuando na linha da pergunta anterior, quais circunstâncias lhe parecem as mais acuradas para explicar uma obra poética centrada no exílio ou no desterro? É preciso olhar sobretudo para a geopolítica, para como as guerras, os totalitarismos, as ditaduras e as migrações em massa afetam vidas individuais, levando-nos, evidentemente, para o limiar esfumado entre o campo biográfico e sua contextualização histórica? Ou as tendências do pensamento filosófico – que também influem sobre o campo literário e afetam a mundivisão dos poetas – teriam peso igualmente relevante?*⁴

R.M.: Para responder à sua pergunta de um modo muito simples, sobretudo para quem leu a minha resposta anterior, creio que alguém emigra/se exila/se refugia (mais uma vez, são três coisas diferentes, até legalmente falando) apenas por um ou mais de três motivos – pessoais/afectivos, políticos e financeiros. Ovídio foi o primeiro, cronologicamente, de uma longa linha de escritores/poetas a quem isso sucedeu no mundo ocidental, e que sobre isso escreveu. No tema do exílio é sempre preciso voltar a ele, em todos os tempos, pois as questões e as circunstâncias não mudaram assim tanto.

Não sei até que ponto uma obra centrada no exílio e no desterro tem outras motivações que não estas concretas e terrenas de ter de se ver obrigado a “transplantar” de um lugar para outro. Claro que depois existe todo um pensamento sobre essa experiência de lugar-outro, mas é sempre algo posterior. E também há uma questão paralela, que já abordei atrás, de não ser necessário, como não foi a Pessoa, sair de um só sítio para conhecer o mundo. Mas isso é um outro tipo de exílio, efectivamente mais filosófico e platónico, que talvez não seja tão útil assim para ler a obra de um Jorge de Sena, por exemplo. Para dar um exemplo que me é muito caro, a sua *magnum opus* *Metamorfoses* (1963) não teria certamente existido se ele não tivesse estado exilado em Araraquara ou ido ver o Artemidoro ao Museu Britânico, também num contexto de perseguição política, pelo que as suas reflexões filosófico-poéticas nesses poemas partem dessa experiência concreta e não

⁴ Nesta pergunta penso, de um lado, na qualificação do século XX como a “era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”, conforme Edward Said (2003, p. 47) propôs em seu famoso ensaio, e no quanto disso se estenderia ao nosso século. Ana Luísa Amaral, cabe dizer, terminou seu importante livro de 2019 com uma “Prece no Mediterrâneo”: “Em vez de peixes, Senhor,/ dai-nos a paz” (p. 137). E desde o título, *Agora*, esse livro se inclinava ao coletivo, ou melhor, ao espaço em que se disputa o destino da coletividade. Por outro lado, lembro de Jean-Luc Nancy (2001), que demonstrou o quanto a filosofia desse mesmo século XX reincidiu na ideia de que “a existência é um exílio”, um “movimento de saída para fora do próprio”. O que se projeta, evidentemente, na questão do carácter descontínuo da subjetividade, “fragmentada”, “desmesurada” ou “sem ancoragem”: Pessoa seria uma recordação impositiva aqui, quer em sua versão oficial quer em sua corrosão cesariniana.

de tentar desenvolver academicamente uma ideia-conceito de exílio. E não é por acaso que a obra se chama *Metamorfoses*, referência a Ovídio...

Em suma, creio que na temática do exílio existe verdadeiramente “um limiar esfumado entre o campo biográfico e sua contextualização histórica”, mas depois os textos que se produzem a partir dessa experiência biográfica e informada pelo contexto histórico têm de valer por si – e talvez seja por isso que *Metamorfoses* é a sua obra-prima e tem dos mais icônicos textos senianos, quicá da poesia portuguesa moderna-contemporânea, na minha opinião.

M.V.L.L.: *Chamado a conferenciar sobre o exílio, Joseph Brodsky (2016) constrói um pensamento sobre o potencial de máxima individualização que a arte literária preservava, apesar de tudo e ao longo das épocas. Numa conferência de 1987, por exemplo, ele diz o seguinte: “Muitas coisas podem ser compartilhadas: uma cama, um pedaço de pão, convicções, uma amante; mas não um poema de Rainer Maria Rilke [...]”. Uma obra de arte, principalmente de literatura, e a poesia em específico, fala diretamente com a pessoa, criando uma relação sem nenhum intermediário” (p. 45). Para Brodsky, o exílio parece intensificar e literalizar certos aspectos da arte da escrita, pois coincide com uma perspectiva bastante solitária de mundo, ou um enraizamento no próprio eu. A seu ver, semelhantes perspectivas, enriquecem a complexidade de nosso olhar sobre a condição do exílio, ou corremos o risco de, perdidos nas raias de uma estética de pendor metafísico, esquecermos a dimensão política e material? Ou seria o contrário: ao privilegiar apenas o dado político é que perderíamos de vista as profundidades do abismo interior a que chamamos subjetividade?*

R.M.: Como dizia anteriormente, há que fazer uma distanciação clara entre a experiência concreta de exílio, terrena, política, com motivações materiais, e outra experiência, mais metafísica e mais do plano das ideias, que é a experiência já filtrada por um novo eu que reflecte sobre isso. Sei por experiência própria que, quando se sai do lugar onde se nasceu, nunca se volta o mesmo, se algum dia deixarmos o Ponto Euxino para voltar ao Ponto Inicial. Essa segunda experiência de que falava é a reflexão sobre o que (nos) aconteceu/está a acontecer, de um ponto de vista subjectivo.

Joseph Brodsky parece-me paradigmático neste enquadramento – veja-se como a sua obra, já noutra língua, se centrou na reflexão sobre essa dupla experiência, concreta e metafísica. Creio que ele tem razão quando afirma que pode haver um certo “intensificar” na medida em que, como provam os estudos sobre textos autobiográficos, não há maior ficção do que uma autobiografia: Nem a pessoa com a melhor memória do mundo pode lembrar (mesmo que aponte num caderno) todos

os detalhes de como um determinado evento se passou – não só fisiologicamente isso seria improvável, como seria sempre de uma perspectiva subjectiva, pessoal, unívoca. Se alguém estivesse ao seu lado, relataria o mesmo evento de forma e em termos necessariamente diferentes.

M.V.L.L.: *Roberto Bolaño (2013) afirma o seguinte numa conferência dedicada ao tema: “literatura e exílio são [...] duas faces da mesma moeda, nosso destino posto nas mãos do acaso. [...] A única pátria do escritor de verdade é sua biblioteca, uma biblioteca que pode estar em estantes ou na memória” (p. 3). Pouco depois, concluirá que os grandes escritores não podem ser nacionais: são viajantes e pessoas, com o que damos a volta ao círculo e descobrimos que, para Bolaño, a condição do escritor é um desterro permanente (p. 5). Há pontos valiosos a se considerar nesse raciocínio, ou a imagem de uma pátria da poesia, atemporal, universal, sem geografia – nem Reino, nem Império, talvez um mero lugar... – é demasiado abstrata?*

R.M.: Como diria um companheiro sul-americano de Bolaño que muito prezo – Jorge Luis Borges –, ¿Y porqué no? Aliás, ele próprio trabalhou bastante a metáfora da biblioteca na sua obra nesse afã. Aceito que possa haver uma pátria da poesia sem tempo e sem geografia e sem línguas, etc. Também como disse um dos escritores preferidos de Borges, Oscar Wilde, “Todas as coisas belas pertencem à mesma era.” É uma ideia sedutora, bonita, num mundo cada vez mais fragmentário, desigual, desencantado, onde uma hiperglobalização hipertextual não correu como o desejado – só nos afastou mais, não tomamos atenção ao que se passa no vizinho do lado e autocentrou-nos numa lógica destrutiva e não criadora.

Acho que cada poeta é um universo próprio, como cada ser, humano ou não, é único. A existir uma pátria assim, só podia ser uma que respeitasse a individualidade e a estética de cada um – mas isso talvez até fosse uma contradição nos termos... uma utopia?

Creio que entendo, porém, quando Bolaño diz categoricamente que os escritores não podem ser nacionais – creio que ele poderia até querer dizer mais “nacionalistas”, pois isso sim parece-me incompatível, na minha opinião, com a integridade de se ser escritor. Dito por outras palavras, ter nascido num determinado lugar não pode ser motivo para um amor cego a esse lugar, ou para elegê-lo acima de todos os outros; podemos desenraizar-nos e escrever noutra língua, mesmo metaforicamente falando, mas não podemos evitar ter nascido num dado lugar. Neste sentido, Clarice Lispector é talvez um bom exemplo do que quero dizer: O que nos importa fundamentalmente para a leitura da sua obra que tenha nascido na actual Ucrânia?

Para a sua biografia é certamente importante, nem que seja como denegação de lugar, aprendizagem de escritora, mas está longe de ser uma escritora nacional ou nacionalista, os seus temas são os temas de sempre da condição humana – e esse é o compromisso do escritor sério, mesmo o mais jocoso e irónico. Eu considero-me de vários lugares e vou-me descobrindo melhor nessas descobertas, sei hoje que o contacto com a diversidade é chave na vida de um ser humano.

Mas estamos no plano de afirmações sentenças e generalistas, que é algo que tento evitar ao máximo.

M.V.L.L.: *Por fim, para terminar este tópico, algumas perguntas breves (o que não significa que as respostas tenham de ser igualmente resumidas): qual a relevância de um pensamento do exílio para compreendermos a poesia escrita hoje em língua portuguesa? Qual peso o contexto pós-colonial teria para esse pensamento? O nacionalismo étnico e o espessamento das fronteiras geográficas me parecem tónicas contemporâneas, contrabalanceadas pela conectividade digital e por uma tendência ao nomadismo virtual transcultural e transnacional: o que essa ambivalência pode significar ou já significa para o que chamamos de “literatura do exílio”?*

R.M.: Penso que o pensamento do exílio na poesia portuguesa mais recente tem toda a pertinência, como tenho vindo a dizer, incluindo num contexto pós-colonial de ambivalências várias, como aponta a sua pergunta. Esta história está a decorrer e precisa de ser contada e mapeada de diversas maneiras, por diversas vozes. Falei anteriormente daqueles cinco poetas que começaram a escrever as suas obras fora de Portugal, mas há mais. O que diz a obra deles sobre a poesia portuguesa, o lugar de Portugal no mundo, o que é ser português? Como modificou a poesia portuguesa actual? São questões que naturalmente ocorrem e para a qual pode haver várias respostas.

Há também, especificamente sobre o pós-colonial e a questão da identidade portuguesa no mundo, o interessante caso da Patrícia Lino, que trabalha e pesquisa num triângulo entre América do Norte, América do Sul e Europa. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020) é uma obra importante que precisa de ser mais equacionada, seja no seu contexto performático e experimental, seja nas questões que traz para a discussão sobre essas várias ambivalências que refere na sua pergunta.

Penso que o lado positivo de toda esta globalização, seja pelo prisma do nomadismo profissional, seja pelo da conectividade digital, é a potencialidade de maior contacto com outras tradições literárias, o que pode levar a uma maior abertura a

outro tipo de textos poéticos (é preciso é o viajante querer), a um desvincular de uma tradição portuguesa, seja isso lá o que for, pois o cânone está sempre a mudar. Eu quando escrevo, nunca penso muito nas pesadas tradições portuguesas, ainda que o meu pensamento tenha uma tendência intertextual...

3 Poesia e crítica em Portugal hoje

M.V.L.L.: *Numa entrevista algo recente para a revista brasileira de poesia Ouriço, Manuel de Freitas respondia a uma pergunta sobre os “caminhos criativos para a crítica” da seguinte maneira: “Em Portugal, salvo raríssimas exceções, a crítica limita-se a aplaudir, genuflectória, o que produzem os grandes grupos editoriais. Os blogs pretensamente críticos aplaudem, por sua vez, meras inanidades” (Freitas et al., 2021, p. 86). Retóricas da desilusão à parte, os atuais críticos de poesia em Portugal se interessam em exercer influência sobre o público-leitor por meio da inclusão e exclusão de obras, ou seja, estabelecendo critérios claros de valor? Ou há outro tipo de relação com o texto poético, concebendo-o como um objeto cultural sempre capaz de dizer algo sobre nosso tempo, quase como se houvesse continuidade automática entre o que a poesia diz e o mundo que podemos abarcar?*

R.M.: Já o disse sobejas vezes, em vários lugares, que temos um grave problema de crítica em Portugal (e acho que de um modo geral pelo mundo) e quando o digo, penso sobretudo nos periódicos. Não só temos piores críticos, menos críticos e mais mal pagos, como o espaço para essa crítica foi encurtando (menos suplementos e menos caracteres por crítica). Lembro-me que, quando estudei a obra poética de Nuno Júdice, fiquei surpreso ao reparar que na sua juventude (anos 60) era comum um poeta escrever crítica em jornais, até porque havia essa demanda por parte do público, havia interesse de uma comunidade de leitores e, assim, existiam vários suplementos culturais e literários. É todo um outro mundo face ao tempo actual. Ainda este ano, em Portugal, acabou, ao fim de quase meio século, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, que, mesmo com todas as suas deficiências, era importante existir. Nada se renova em Portugal, é mais fácil tudo acabar. Achei este fim muito simbólico do que se passa quanto ao interesse no fenómeno literário em Portugal.

Neste início de século, houve um tempo interessante de proliferação de blogues, que eram autênticos fóruns onde os poetas se encontravam e trocavam ideias, poemas... Falando com alguns editores de poesia que começam as suas editoras

nesse período, percebi que esse encontro *online* foi importantíssimo para a criação dessas novas editoras que foram lançando nomes desconhecidos. Depois, sensivelmente a meio da década passada, surgiram com muita força as redes sociais e criaram um outro mundo, em que a lógica não me parece ser tanto a partilha, mas mais a divulgação e promoção individualista.

Tudo isto para dizer que o que hoje acontece a um livro de poesia, quando sai, mais provavelmente, é o seu silenciamento, seja deliberado, seja por não haver interesse/espço/tempo, portanto não me parece nada que haja critérios claros de valor na escolha de obras a recensear. O que me parece existir é cada vez mais uma mercantilização da crítica, numa lógica de troca de favores, o que pode ser explicado pelo encurtamento do espaço de crítica. E estamos igualmente muito longe, como diz na sua pergunta, de uma lógica de concepção do objecto-livro como objecto cultural, sobretudo a nível dos grandes grupos editoriais, que funcionam cada vez mais como “gestores livreiros” do que como editores.

Muitas vezes dou por mim a pensar que o que interessa já não é o texto poético/literário enquanto fenómeno estético no quadro de um outro mais amplo e muito antigo chamado “livro”, mas sim a mensagem, o significado, a agenda, de modo a rapidamente engavetar uma obra ou um autor, de modo a vender mais livros. A crítica que depois lemos nos poucos suplementos e revistas é sobretudo sobre os livros de grandes grupos editoriais mais visíveis, e com mais dinheiro e uma máquina oleada para manter a sua presença visível nos escaparates; essa crítica acaba por ser a paráfrase da descrição do seu conteúdo, ou da mensagem, não consistindo, muitas vezes, em ideias originais sobre o objecto-livro (como, se há tão pouco espaço para discorrer?). Por alguma razão é cada vez mais comum falarmos de “indústria livreira”... O grande público, esse, consome o que lhe dão mais visivelmente, sai pouco em procura de outros livros, e está cada vez menos exigente.

Este creio ser, em breves pinceladas, o retrato do nosso tempo.

M.V.L.L.: *No entanto, a atividade crítica já ingressa no âmbito da valoração quando escolhe qual poesia comentar ou deixar de comentar. Noutras palavras, de fato nada novas: crítica literária isenta é um oxímoro. Tendo isso em vista, é possível falar em novos critérios de valor, critérios que não dependem mais duma defesa pública da “boa poesia” contra a “má” – em termos de linguagem, recursos, releitura da tradição, complexidade e alcance, por exemplo –, mas que, em vez disso, ainda selecionam e divulgam poetas e poemas, partindo, contudo, do quão compatíveis são com a visão de mundo do crítico? Se sim, qual espaço nos resta para discutir a linguagem dos poemas?*

R.M.: Como acabei de dizer, era preciso primeiro que houvesse um grupo reconhecível de críticos de poesia em Portugal em periódicos para poder fazer uma afirmação mais generalista. Dos poucos que há, porém, posso observar que, sim, a tendência geral confirma a afirmação da sua pergunta (“crítica literária isenta é um oxímoro”). Muitas vezes as lógicas são de ataque pessoal e não em relação ao texto/livro propriamente dito, assente numa lógica algo passadista de gosto pessoal, até mais do que na lógica boa vs má poesia, com muita falta de leitura prévia e muita rapidez de análise.

M.V.L.L.: *Creio que concordamos que o panorama crítico atual, e talvez a um nível que transcenda o espaço lusófono, é dominado por uma crítica de viés temático... Não haveria certo cinismo estratégico em qualificar essa crítica como “objetiva”, “descritiva” de meros contextos e dinâmicas culturais, e ocultar que também ela é, no fim das contas, interessada como toda outra forma de crítica?*

R.M.: Não sei se entendo o que quer dizer com crítica de viés temático, mas espero ilustrar tudo isto que venho falando sobre a crítica portuguesa com o que sucedeu com o último número de *Relâmpago*. A última vez que uma revista fez um balanço deste género sobre a nova poesia portuguesa foi há cerca de vinte anos (2003); quando saiu este número, houve ou um silenciamento generalizado da crítica, ou um ataque pessoal concertado por dois críticos, em dias seguidos num mesmo periódico, eivado de incongruências e erros factuais, face aos editores do número e aos poetas que o compunham.⁵ Para além disso, pareceram-me textos irreflectidos e mal argumentados, com lógicas que denotam uma parcialidade que rima com desonestidade intelectual, simplesmente para criar polémicas baratas e *soundbite* nas redes sociais. Previsivelmente, os dois textos nunca se ocuparam a discutir as propostas estéticas e os poemas propriamente ditos dos seus autores. Achei um espectáculo triste e bastante ilustrativo das duas faces da crítica em Portugal, actualmente: silêncio ou ataque pessoal. E depois, como disse, a proliferação de uma crítica anódina sobre livros que são publicados para vender como pães quentes.

M.V.L.L.: *No IV Colóquio Internacional de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea & I Colóquio de Teorias da Poesia, a sua conferência intitulou-se “Geração crise (ou a poesia portuguesa de agora)”, retomando artigo publicado no nº 42 da Relâmpago. Na ocasião, uma das justificativas para rasurar a ideia de geração – como aliás você tem*

⁵ O entrevistado se refere aos artigos de Duarte (2025) e Pinto (2025).

*feito nesta entrevista – seria a da multiplicidade, da ausência de unidade programática. Mas a rasura, devo notar, não implica perda de legibilidade: a palavra geração está ali. A ideia de unidade, em si, não redundava sempre em algo muito didático, visto a posteriori, quando já se tem uma visão de conjunto do que foi, e se pode, assim, eliminar com mais facilidade as arestas e dissonâncias? Das tentativas de unidade programática desde o princípio do século XX, para ficar por perto, sempre saíram poetas bem diferentes...*⁶

R.M.: Não posso afirmar categoricamente que não vejo uma **geração**, em primeiro lugar porque faço parte desse grupo de poetas, depois porque estamos muito próximos temporalmente desse momento, logo o meu/nosso distanciamento não pode ser totalmente imparcial. Leio os poetas da minha **geração**, vi-os surgir e realmente não encontro uma unidade temática ou outra que me faça pensar numa **geração**. Vejo pontos de contacto, mas são mais visíveis as arestas e as dissonâncias, ou seja, a diversidade, mas apenas isso. Acho ainda muito cedo para dar qualquer certeza, mas a minha intuição e o empirismo de testemunha, para já, diz isso.

Sim, a unidade programática “**geração**” é muito problemática, e falava da sua falência com o Gustavo Rubim, um professor e ensaísta que estimo muito e um leitor atento da poesia contemporânea. Acho que esse conceito já não nos serve como unidade produtiva de análise académica.

Assim, custa-me falar de **geração** quando, por exemplo, no mesmo ano de saída do primeiro livro de Rosa Oliveira (n. 1958), saiu o primeiro livro de Ricardo Tiago Moura (n. 1978). São poetas muito diferentes, seja tematicamente, seja estilisticamente, para não falar da diferença óbvia de idade. Parece-me claro, isto. E precisamente para não tornar o discurso académico muito didático, eliminando arestas e dissonâncias, não vejo como aglutinar no termo “**geração**” esse grupo de poetas.

Por outro lado, não creio que seja uma estratégia de *marketing*, como já me disseram, de imposição deste grupo de poetas novos (até porque actualmente não se pode definir qualquer grupo de poetas já canonizados a esta distância), face ao grupo mais reconhecidamente anterior, como foram os apocrifamente chamados “Poetas sem qualidades”. Esta denominação foi criada em ambiente académico por algumas pessoas que pegaram na ideia apetecível do título da antologia (Freitas, 2002), já de si heterogénea, publicada pela Averno, em 2002,

⁶ O evento em questão foi sediado em três cidades e instituições brasileiras – UFMS (Três Lagoas), UFMG (Belo Horizonte) e USP (São Paulo) –, entre os dias 26 de maio e 18 de junho de 2025. O entrevistado proferiu sua conferência no primeiro turno do colóquio (UFMS), na mesa-redonda Poesia Portuguesa de Agora (27/05/2025). A presente pergunta foi desenvolvida a partir da intervenção do Prof. Dr. Roberto Bezerra de Menezes (UFMS) no debate que então se sucedeu.

no sentido de erroneamente generalizá-la a um dado grupo de poetas (ainda que, esses sim, fossem mais próximos geracionalmente).

Neste momento, interessa-me a mim mais a ideia de mapeamento do que aglutinação, como disse no início da entrevista. Se ninguém fizer esse levantamento, não pode haver pensamento posterior.

4 Poesia brasileira em Portugal e vice-versa – Séc. XXI

M.V.L.L.: *Em 2000, sob direção de Carlos Mendes de Sousa, a revista Relâmpago publicou um dossiê intitulado “Poesia Brasileira Actual”, com cinco ensaios sobre o tema – eram quatro críticos brasileiros, acrescidos de Joana Matos Frias – e mini-antologias de seis poetas, alguns deles já premiados e consolidados à época, outros com obra então relativamente incipiente.⁷ Há lugar e interesse para esse tipo de empreitada editorial em Portugal hoje?*

R.M.: Creio que se assistiu, em Portugal, a um crescente interesse pela literatura brasileira (sobretudo do século XX, mas também já dos novos poetas do século XXI) nestas últimas décadas. Se pensar nos tempos da minha graduação, há cerca de 20-25 anos, em que havia poucos departamentos de estudos brasileiros, e poucas (comparativamente) edições de literatura brasileira disponíveis no mercado editorial, poucas pessoas com quem discutir esta literatura, e olhar agora para o panorama actual, é todo um mundo diferente. Agora, até foi necessário trazer uma sucursal da Livraria da Travessa para Lisboa (2019), que rapidamente se tornou uma referência e que é hoje uma das livrarias preferidas de muitos poetas portugueses que conheço! Pena os preços, inflacionados pela travessia atlântica, uma coisa incompreensível no mundo globalizado em que tantas facilidades nos foram prometidas...

Todo esse preâmbulo para responder que sim, vejo lugar e interesse para esse tipo de empreitada editorial em Portugal, mesmo tendo nós um mercado minúsculo e ausência de crítica. Tenho lido novos poetas brasileiros sobretudo *online*, mas verifico que as pequenas editoras de poesia aqui têm progressivamente apostado em nomes praticamente desconhecidos da poesia brasileira actual, com destaque para a Douda Correria, e até para a editora onde publico a maior parte dos meus livros, a não (edições), que até começou a sua trajectória, em 2013, com um livro da

⁷ Índice disponível em: <https://www.relampago.pt/relampago-sumarios/relampago-7-sumario.html>. Acesso em: 26 ago. 2025.

Júlia de Carvalho Hansen. Lembro-me de uma empreitada semelhante, intitulada *É agora como nunca: Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, publicada pela Adriana Calcanhotto na extinta Cotovia, em 2017. No caso de editoras com maiores recursos, tanto a Tinta-da-China como a Imprensa Nacional apostaram também recentemente na publicação de alguns poetas brasileiros, alguns quase desconhecidos por cá, outros verdadeiros clássicos.

Porém, como todas as empreitadas editoriais de apostas de risco em Portugal, país conservador em tantos aspectos, o sucesso ou insucesso depende não tanto da edição propriamente dita, mas mais de factores externos à edição: é preciso estar ou cair nas boas graças do *establishment* literário *a priori*, e já aparecer na cena bem recomendado... Já existe uma predisposição para gostar ou simplesmente espreitar esta antologia da *megastar* da música brasileira, por exemplo. *A posteriori*, é necessário que um crítico ou um *influencer* ou um *bookstagrammer* comece a tendência de se falar do livro. Mas é sempre uma questão em aberto, essa da recepção. O que o meu contacto com o mundo do livro me mostrou foi que o texto propriamente dito talvez seja o factor menos importante para o sucesso de um livro.

M.V.L.L.: *Por outro lado, apesar de os nomes recorrentes não serem muitos, poetas portugueses têm aparecido em revistas brasileiras de poesia com alguma frequência. Para não me estender tanto, tomando como exemplo apenas os dois primeiros números da já mencionada revista Ouriço (2021, 2022), encontraremos oito poetas portugueses, dentre nomes bem conhecidos do leitor brasileiro de poesia e outros quase ao modo de apresentação.⁸ Poderíamos falar, além disso, no catálogo de poesia portuguesa que uma editora como a Corsário-Satã vem montando – e cuja revista Meteoro (2019), a propósito, também trazia poemas de Rosa Oliveira (p. 40, 94, 116, 210), traduções de Katherine Mansfield por Inês Dias (p. 138-141), e um poema de Ederval Fernandes (p. 195), que a essa altura já residia em Lisboa –, ou na divulgação de novíssimos poetas portugueses pela revista Tãmanha Poesia (Oliveira; Menezes; Souza, 2024), dentre os quais, aliás, você foi incluído... Devemos olhar esses casos como publicações justificadas por redes de contatos, ou talvez haja um interesse genuíno em fazer a poesia portuguesa contemporânea circular no Brasil?*

⁸ No primeiro número são Golgona Anghel, Patrícia Lino e Manuel de Freitas (p. 17-19, 28-31, 76-87); no segundo, Elisabete Marques, Inês Dias, Maria Brás Ferreira, Alberto Pimenta e Rui Pires Cabral (p. 32-33, 40-41, 42, 50-51, 55-63). No terceiro, há um ligeiro recuo: Tatiana Faia assina um ensaio (p. 142-147), e, se for o caso de considerar toda lusofonia fora das fronteiras brasileiras, há um poema da moçambicana Hirondina Joshua (p. 17) e um do brasileiro residente em Portugal Ederval Fernandes (p. 18-19).

R.M.: Para ser o mais sincero possível, acho que é uma mistura desses dois factores. Já pensei muitas vezes sobre isso e não consigo encontrar um factor determinante para explicar como circulam poetas em latitudes que não as suas. Claro que, em primeiro lugar, tem de haver um interesse qualquer de um editor, quase sempre começa por aí. O interesse, porém, pode não ser tanto pelo texto, mas pela *persona* literária, que pode ter a agenda “certa”, isto é, uma em que o editor se reveja de facto, ou simplesmente uma que possa atrair mais atenção, falando em *marketing* puro. Não sei, porque não os conheço profundamente e não quero ser injusto, como é que nesses três casos apontados na pergunta – Corsário-Satã, *Ouriço* e *Tamanha Poesia* – esta minha observação genérica se aplica. Mas não sou ingénuo a ponto de pensar, precisamente porque estou dentro do meio académico, que muito do que circula em poesia não tem também por base uma rede de contactos, tornando mais visível certos nomes, obliterando outros nesse caminho. Sempre sucedeu assim na história da recepção literária de qualquer tradição de qualquer país, basta estudar as redes e correspondências tecidas, através de arquivos e espólios, entre outras bases de dados. Certamente observei isso no caso das revistas literárias do Modernismo, que eram periódicos bastante reveladores das afinidades electivas dos seus directores e colaboradores.

M.V.L.L.: *Seria ignorância minha afirmar que o interesse inverso não se verifica tanto hoje em Portugal? Algo teria mudado em relação ao último século, com suas saborosas anedotas de amizades interatlânticas e nomes brasileiros muito lidos (e comentados) por portugueses, como Drummond e Bandeira?*

R.M.: Como disse anteriormente, entre o início do século e este momento, passou um quarto de século e é todo outro mundo. Não creio que fomos do 8 ao 80, para pôr a questão de uma forma coloquial, mas se havia uma quase inexistência de poetas brasileiros novos no mercado editorial português, hoje a oferta é muito maior, arrastando consigo os poetas clássicos, como os dois que refere na sua pergunta. Isso traduz, sem dúvida, um maior interesse generalista sobre a poesia brasileira, mas muito mais da prosa.

Acho que o papel e o interesse da poesia, de um modo geral, em Portugal, quem sabe no mundo, é que mudou radicalmente. Ainda no outro dia, assisti a um programa antigo dos anos 80, de horário nobre da TV portuguesa, e falava-se de *haikus* e havia um especial sobre E.M. Melo e Castro – imagino isso impossível hoje na TV, no tempo dos *big brothers* e *sitcoms* a raiar o disparate. Há um embrutecimento geral das pessoas, uma simplificação e pragmatismo da vida e isso atirou a

poesia para um nicho, mesmo sabendo que ela tenha sempre sido mais enaltecida do que propriamente lida.

Não estou a dizer isto como uma queixa, a poesia sempre resiste e existirá e o mundo não é melhor porque a poesia é mais lida ou porque se massifica, não é essa a questão. O que empiricamente vejo agora é, por exemplo, os professores, mesmo os de literatura ou de Português, a terem, de um modo geral, medo do ensino da poesia, quase não a lêem no seu dia-a-dia, ao mesmo passo que continuam a considerar os poetas como aquelas figuras incontornáveis da sociedade, de quem se espera declarações sobre o estado moral do mundo. O que resulta desta contradição é que põem a poesia no pior dos nichos, que é a torre de marfim. Assim, mais depressa o grande público pega num romance de aeroporto do que abre um pequeno livro de poesia, uma contradição dos nossos tempos líquidos (Z. Bauman), ou talvez não, se pensarmos na tirania da quantidade (de *likes*, de experiências, de *selfies*).

Paralelamente, outra contradição: verifico que hoje em dia se “lê” talvez demasiado, seja em quantidade, seja em qualidade, resultando numa tresleitura do que realmente está num texto. Há uma grande pressa para fruir (FOMO) um texto para depois pôr na rede social mais próxima, e ilustrar o quão intelectual se é, pois assim ninguém saberá: é-nos necessária essa dose diária de dopamina que vem com o aplauso geral. Não estamos em tempos de releitura nem de leitura profunda e lenta. O tempo está demasiado rápido para a lentidão que ela – a leitura, a poesia, precisa.

Referências

AMARAL, A. L. *Ágora*. Porto: Assírio & Alvim, 2019.

AMARAL, F. P.; MARQUES, R. (dir.). *Relâmpago*, Lisboa, n. 42, dez./2024.

ARELLI, D.; RIBEIRO, G. S.; ROSA, V. (ed.). *Ouriço: revista de poesia & crítica cultural*, Juiz de Fora, v. 1, 2021.

ARELLI, D.; RIBEIRO, G. S.; ROSA, V. (ed.). *Ouriço: revista de poesia & crítica cultural*, Juiz de Fora, v. 2, 2022.

ARELLI, D.; RIBEIRO, G. S. (ed.). *Ouriço: revista de poesia & crítica cultural*, Juiz de Fora, v. 3, 2024.

BOLAÑO, R. Literatura e exílio. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, n. 22, 2013. Tradução de: Guilherme Freitas. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno22/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BRODSKY, J. *Sobre o exílio*. Tradução de: André Bezamat e Denise Bottmann. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, 2016. (Biblioteca Antagonista; 2)

CALCANHOTTO, A. (org.). *É agora como nunca*: Antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira. Lisboa: Cotovia, 2017.

CALIXTO, F. *et al.* (ed.). *Meteoro*. São Paulo, n. 1, 2019.

DUARTE, J. O. *Antologia sem tempo*. Jornal SOL, Oeiras, 5 mai. 2025. Cultura. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/2025/05/05/antologia-sem-tempo/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

FREITAS, M. *et al.* Não antevejo grande futuro para a poesia, entrevista com Manuel de Freitas. *Ouriço*: revista de poesia & crítica cultural. Juiz de Fora, v. 1, p. 76-87, 2021.

FREITAS, M. (org.). *Poetas sem qualidades*. Lisboa: Averno, 2002.

GUILLÉN, C. *O sol dos desterrados*: literatura e exílio. Tradução de Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: Editorial Teorema, 2005. (Gabinete de curiosidades)

LINO, P. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

MARQUES, R. Geração Crise (Ou a Poesia Portuguesa de Agora). *Relâmpago*, Lisboa, n. 42, p. 39-52, dez./2024.

MARQUES, R. (org.). *Já não dá para ser moderno*: seis poetas de agora. [S. l.]: Flan de Tal, 2021.

NANCY, J.-L. *A resistência da poesia*. Tradução de Bruno Duarte. Lisboa: Edições Vendaval, 2005.

NANCY, J.-L. La existencia exiliada. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, n. 8, p. 116-118, 1 jan. 2001. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestud-soc/28892>. Acesso: 4 out. 2025.

OLIVEIRA, S. M. P.; MENEZES, R. B.; SOUZA, J. A. M. (org.). *Tamanha Poesia*, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, jul.-dez./2024. Disponível em: <https://tamanhapoesia.wordpress.com/wp-content/uploads/2024/11/tamanhapoesia17novissimapoesia-portuguesa.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

PINTO, D. V. Relâmpago, n.º 42: Uma geração alheada de si mesma. *Jornal SOL*, Oeiras, 1 mai. 2025. Cultura. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/2025/05/01/re-lampago-n-o-42-uma-geracao-alheada-de-si-mesma/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SENA, J. *Metamorfoses*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1963. (Círculo de poesia)

SOUSA, C. M. (dir.). *Relâmpago*, Lisboa, n. 7, out./2000.

VAN DYCK, K. (ed.). *Austerity Measures: The New Greek Poetry*. Londres: Penguin, 2016.